

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
FACULDADES DOCTUM DE SERRA**

**MARILENE DE LIMA ROSA
SUELLEN CRISTINA CARDOSO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE
SERRA-ES**

SERRA

2017

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
FACULDADES DOCTUM DE SERRA**

**MARILENE DE LIMA ROSA
SUELLEN CRISTINA CARDOSO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA
SERRA-ES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências
Biológicas das Faculdades Doctum da Serra,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciado em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Educação sexual

Orientador: Prof. Msc. André de Assis

SERRA

2017



FACULDADES DOCTUM DE SERRA

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: Educação Sexual em Escolas de Ensino Fundamental e Médio da Serra- Es elaborado pelas alunas Marilene de Lima Rosa e Suellen Cristina Cardoso foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora e aceito pelo Curso de Ciências Biológicas das Faculdades Doctum de Serra, como requisito parcial para obtenção do título de

LICENCIADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

SERRA, _____ de _____ 2017

Profº Orientador

Msc André de Assis

Drº Luciano Belcavello

Profº Examinador 1

Msc Rosângela Aparecida Muller

Profº Examinador 2

Resumo

A temática sexualidade tem sido objeto de estudo de várias pesquisas, principalmente quando em referência a um período da vida do indivíduo, chamado adolescência. Este estudo investigou características de iniciação sexual nas escolas de Ensino Fundamental e Médio de Serra, com alunos de 9º ano do E.F, 1º e 2º anos do E.M, com faixa etária entre 14 a 17 anos. Foi usado um questionário do qual foram analisadas questões referentes ao comportamento sexual e abordagem sobre educação sexual na escola e com a família. Os dados analisados indicaram que 44,8% já iniciaram sua vida sexual, sendo 56,3% dos meninos e 44% das meninas, onde a faixa etária foi de 15 a 16 anos. A partir da pesquisa realizada, foi possível caracterizar a iniciação e alguns comportamentos sexuais dos adolescentes, identificando diferenças com relação ao sexo e à idade dos participantes. A família e a escola precisam desempenhar seus papéis no que diz respeito a educação sexual, uma maneira clara, aberta sem preconceitos e constrangimentos para os adolescentes, um local em que eles possam sanar as suas dúvidas de maneira natural e consigam um amadurecimento sexual saudável.

Palavras-chave: Adolescentes; iniciação sexual; comportamento sexual.

Abstract: : The theme of sexuality has been the focus of study of many a research, mainly when referring to a period of an individual's life called adolescence. Said studies investigated middle and high schools' introductory sex ed. from Serra, with students ranging from the last year of middle school and the first two years of high school, with an age average of 14 to 17 years old. A questionnaire from which questions referring to the sexual behavior and the way in which the act is talked about both in school and within a familial environment were analyzed. The aforementioned questionnaire's data indicates that 44.8% have already given start to their sexual activities, being 56.3% of boys and 44% of girls, in which the age average is from 15 to 16 years old. From the research, it was possible to characterize the initiation and some sexual behaviors among adolescents, permitting one to identify differences in relation to sex and the age of the ones performing it. Both family and school must act together—when it comes to sexual education—a clear, open and prejudice-free atmosphere, where teenagers may be able to have answers to their questions in a natural way, and they might achieve a healthy sexual ripening.

Key-words: adolescents; sexual initiation; sexual behavior.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. METODOLOGIA	7
3. RESULTADOS E DISCUÇÃO	8
4. CONSIDERAÇÃO FINAIS	16
REFERÊNCIAS	17
APÊNDICE	19

1. INTRODUÇÃO

De acordo com publicação dos PCN'S, Brasil (1997), a inserção da orientação sexual nas escolas e em casa com a família propicia a prevenção de problemas como o abuso sexual, doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada. Uma orientação correta sobre a sexualidade promove o autoconhecimento e reflexões que ampliam os cuidados necessários na prevenção desses problemas, sendo então notório que a orientação sexual na escola contribui para o bem estar das crianças e dos jovens na vivência da sexualidade atual e futura.

Para Saito e Leal (2000), se a meta é informar ou, melhor ainda, formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência. Nesse espaço pedagógico, a orientação sexual torna legitimada a discussão sobre sexualidade. No mesmo estudo, Saito e Leal constataram que o fato de as jovens terem aulas sobre sexualidade não a influenciaram na decisão de iniciar a atividade sexual, ocorrendo, porém, entre elas, menor número de gestações.

A temática sexualidade tem sido objeto de estudo de várias pesquisas, principalmente na adolescência. De acordo com estudo realizado por Spitzner (2005), a justificativa para o maior interesse nesta fase baseia-se no fato de que as questões sobre sexualidade vêm à tona neste período em que ocorrem novas descobertas.

Fisiologicamente falando, o adolescente está em uma fase de intensas transformações devido a ações hormonais. Uma grande vulnerabilidade desta fase de transformações é o desenvolvimento da vida sexual sem conhecimentos, pois a grande maioria dos adolescentes não possui uma orientação sexual adequada ao iniciar a vida sexual (JARDIM; BRETAS 2006).

Um levantamento realizado pelo IBGE (2015) com estudantes de 14 a 16 anos, apontou que os jovens brasileiros iniciam a vida sexual em média aos 14 anos e não dão importância a virgindade. Cerca de 27% dos estudantes já tiveram relações sexuais alguma vez e desses, 61,2% disseram ter usado preservativo na primeira relação sexual. Já na última vez que se relacionaram sexualmente, 66,2% dos estudantes não usaram preservativos; 36,0% dos meninos entrevistados disseram já ter se relacionado sexualmente alguma vez, já para as meninas o percentual foi para 19,5%; 61,5% das estudantes que já tiveram relação sexual disseram utilizar pílula anticoncepcional.

A família é o espaço onde o indivíduo encontra proteção; é responsável pela perpetuação de valores éticos e morais que vão guiar o adolescente. Para Nery (2014), cabe à família discutir, orientar e sanar, se possível, as principais dúvidas, buscando identificar e focar nos tabus e medos dos adolescentes. No entanto, a realidade é uma dificuldade de expressão por partes dos pais para falar sobre esse tema. Quando os jovens não obtêm respostas para suas questões no lar, eles costumam buscá-las em fontes muitas vezes sem credibilidade, como amigos e mídia. Além disso, essas informações, na maioria das vezes, não estão inseridas na realidade dos jovens, o que pode resultar em uma não compreensão das informações, ou em uma compreensão equivocada.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual foi criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes (ALTAMANN, 2001).

Desta forma, este trabalho teve como objetivo fazer uma comparação entre idade e gênero, e avaliar o conhecimento e experiências dos adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis e sexualidade, comparar o nível de conhecimento entre meninas e meninos e identificar a abordagem do tema no campo familiar e escolar.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada em duas escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio, EEEFM Professor João Loyola e EEEF Serra Sede, localizadas no bairro Serra Sede, município da Serra, Espírito Santo, com alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental II, e 1º e 2º Anos do Ensino Médio. Participaram da pesquisa 143 alunos, entre eles 55 do Ensino Fundamental e 88 do Ensino Médio, sendo 72 meninos e 71 meninas no total.

Foi adotado o método quantitativo por meio de questionários com 17 perguntas, sendo apenas três de respostas abertas (ANEXO 1). Os questionários

foram entregues aos alunos para que respondessem às questões. Ao término, os próprios adolescentes depositaram os questionários em caixas lacradas, buscando, assim, aumentar a confiabilidade das respostas, uma vez que não era preciso se identificar nem mesmo entregar o instrumento respondido às pesquisadoras.

Este instrumento aplicável, através de questionário, investigou fatores de risco e proteção em adolescentes, abordando aspectos relacionados à educação, saúde e família, com objetivo de obter o conhecimento sobre o assunto sexualidade na vida do adolescente, e sua abordagem no âmbito familiar e escolar.

Para as análises realizadas neste estudo, foram utilizadas questões referentes a dados sócio biodemográficos (idade, sexo, etc), e ao comportamento sexual dos jovens. Nessas questões os jovens indicaram se já tiveram sua primeira experiência de intercurso sexual, com qual idade, entre outras questões. Também indicaram as atitudes relacionadas ao uso de preservativos e contraceptivos, assim como o conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos dados obtidos por meio da aplicação dos questionários, foi observado que os alunos de Ensino Fundamental de sexo masculino possuem idade média de 15,4 (dp:1,6) anos e o feminino no ensino fundamental foi de 14,8 (dp:1,1) anos. Já no Ensino Médio, a média de idade masculina foi de 16,4 (dp:1,0) e feminina foi 16,3 (dp:1,1) anos. Os resultados obtidos no presente estudo obtiveram basicamente o mesmo de uma pesquisa realizada pelo IBGE (2015), conforme citado na introdução do presente estudo.

Com relação à iniciação sexual os resultados mostram que 56,3% dos meninos e 44% das meninas já iniciaram sua vida sexual. Esses dados seguem o padrão observado por Tronco e Dell'Aglio (2012) que discutem a iniciação entre gêneros e observaram menor proporção de meninas que começaram sua vida sexual enquanto a média da idade de iniciação sexual é menor para os meninos.

O estudo realizado por Teixeira et al. (2007) comprovou que dos adolescentes entrevistados, 53,4% já haviam tido sua primeira relação sexual. Estes se caracterizaram principalmente por serem do sexo masculino (57,3%), reafirmando assim os resultados do presente estudo.

A iniciação sexual em adolescentes masculinos do Ensino Fundamental com uma média de 14,5 (dp= 2,5) anos, já as do sexo feminino a média foi de 13,9 (dp=1,1), ou seja, a iniciação sexual por parte das meninas aconteceu mais precocemente. Já nos alunos de Ensino Médio do sexo masculino, essa média foi de 14,1 (dp=1,7) e no sexo feminino de 15 anos (dp=1,2).

Jardim e Brêtas (2006) comprovaram que a iniciação da vida sexual tem se dado cada vez mais precocemente, onde a juventude está diminuindo a infância e ingressando na vida adulta mais cedo.

Os dados de média de iniciação sexual obtidos no presente estudo estão de acordo com os de Paiva et al. (2008), onde foi menor a proporção de jovens do sexo feminino que iniciaram a vida sexual antes dos 19 anos, assim como a média de idade na primeira relação sexual entre os rapazes. Tais diferenças têm sido atribuídas à normatividade de gênero e à expectativa de atitudes e práticas distintas para homens e mulheres no campo da sexualidade. Essa autora revisando estudos internacionais indica que as diferenças de gênero com relação à iniciação sexual são mais pronunciadas em países menos industrializados.

Em uma das perguntas foi questionado o uso de método contraceptivo para aqueles adolescentes que já haviam iniciado sua vida sexual. Observou-se que 58% dos alunos utilizaram a camisinha como método. Em seguida 26% relataram não terem usado nenhum método como forma de contracepção, o que representa uma grande preocupação devido à exposição para a contaminação de Infecções Sexualmente Transmissível (IST's) e gravidez indesejada. Os demais (16%) afirmaram utilizar outros métodos contraceptivos, entre eles coito interrompido e tabelinha (Tabela 1).

Tabela 1 - Métodos contraceptivos utilizados pelos adolescentes das escolas da Serra (ES) na primeira relação sexual.

Métodos Contraceptivos	Meninos	Meninas	Total
Camisinha	35%	23%	58%
Nenhum	16%	10%	26%
Pílula do Dia Seguinte	3%	8%	11%
Tabelinha	2%	1%	3%
Coito Interrompido	1%	1%	2%

O uso de contraceptivos, em especial o preservativo, é considerado uma das mais eficazes formas de proteção para evitar os riscos de uma vida sexualmente ativa (ALVES; LOPES, 2008).

Em determinado ponto do questionário, os estudantes responderam qual seria a melhor forma de se prevenir contra as IST'S, e 78,1% dos estudantes responderam ser a camisinha o método mais eficaz de prevenção, e 21,9% responderam outros métodos como redução de número de parceiros, material compartilhado, etc.

Quanto ao número de parceiros, podemos observar na Figura 1 que a quantidade por parte masculina é consideravelmente maior se comparada ao feminino, e dentre as meninas no Ensino Médio o número de parceiros aumenta 49% em relação ao Ensino Fundamental. De acordo com estudo realizado por Tronco (2012) a média de pessoas com quem os jovens tiveram relações sexuais foi de 2,42 parceiros (dp=2,66), sendo que as meninas apresentaram média de 1,46 (dp=0,95) e os meninos média de 3,48 (dp=3,44) parceiros.

Além de se observar maior quantidade de parceiros sexuais entre meninos se comparados às meninas, verificou-se que o número médio de parceiros é acima de três, exceto no Ensino Fundamental (Figura 1). Esses dados são similares aos encontrados por Soares et al. (2015) em que 35,0% dos estudantes informaram ter de dois a três parceiros e 9,7% referiram ter mais de dez parceiros sexuais, dentre os quais todos são jovens do sexo masculino.

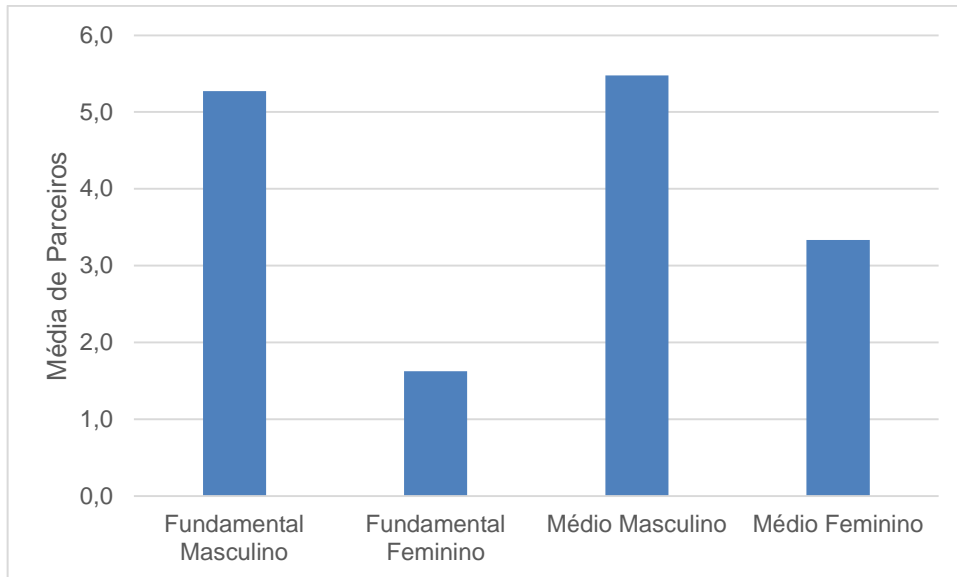


FIGURA 1 - Média de número de parceiros sexuais entre os entrevistados nas escolas de Ensino Fundamental e Médio na Serra (ES).

Segundo Teixeira et al. (2007) o número elevado de parceiros sexuais pode ser atribuído ao uso de bebidas alcoólicas e drogas lícitas e ilícitas, pois esses comportamentos aditivos, geralmente, determinam outros e tornam-se comportamentos interligados. Embora esse comportamento não tenha sido investigado com os adolescentes da Serra, é possível que eles também representem essa situação.

Uma das abordagens da pesquisa buscou investigar sobre o diálogo após a iniciação sexual. Verificou-se que a grande maioria dos adolescentes conversam com amigos (47%), seguido por 38% que não conversaram com ninguém. O diálogo sobre o assunto com a família sobre o assunto ficou em último lugar, com 15% (Figura 2).

De acordo com pesquisa realizada por Duque-Arazola (1997) os adolescentes afirmam não falar sobre sexo com os familiares, mas sim com os amigos. Da mesma forma, Borges, Nichiata e Schor (2006) constataram em seus estudos que as pessoas com quem os adolescentes conversam sobre sexo com mais frequência são os amigos.

Esses resultados despertam para a necessidade deste diálogo no meio familiar. Segundo Takiuti (1997) os adolescentes necessitam dialogar, conversar, ouvir e expor suas dúvidas, opiniões, críticas e ideias num ambiente marcado por compreensão, afeto e respeito. Quando este diálogo não ocorre poderá gerar

ansiedades, angústias e frustrações, colaborando, dessa forma, para que a população adolescente se torne um dos grupos mais vulneráveis aos riscos atuais.

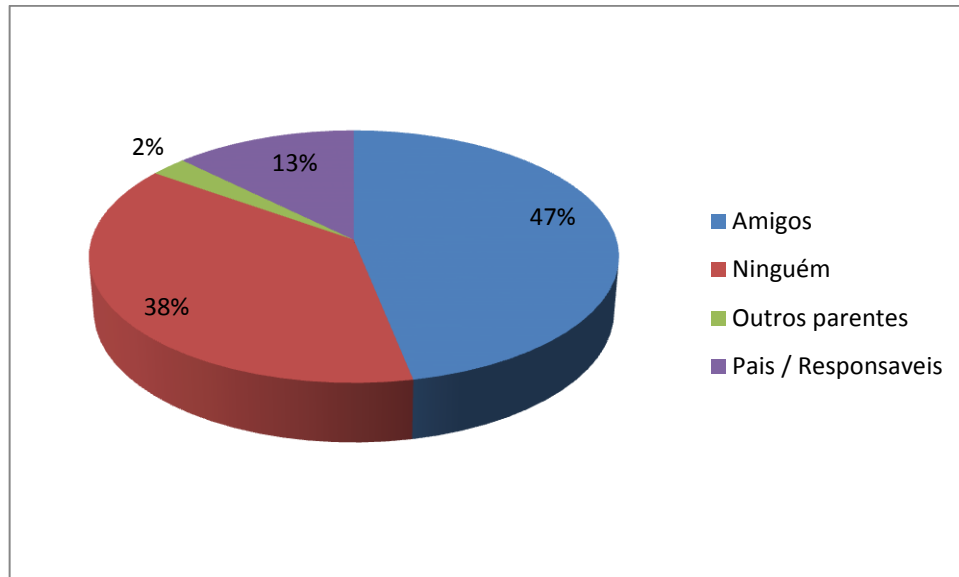


Figura 2 – Respostas dos adolescentes das escolas da Serra referente ao diálogo sobre sua iniciação sexual.

Uma das questões abordadas neste estudo foi sobre acompanhamento dos adolescentes com o ginecologista ou urologista. Apenas 24% dos alunos que já iniciaram sua vida sexual citaram terem visitado o especialista. Conforme estudo de Oliveira (2010), a realidade do adolescente que não faz um acompanhamento médico é comum, encontrando resultado de 73% que nunca se consultaram, contra apenas 27% que já haviam comparecido a uma consulta.

Na questão sobre abordagem do tema sexualidade pela escola, incluindo infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, 63,6% dos estudantes responderam que o assunto é abordado em sala de aula e 92% dos adolescentes afirmaram que isso os ajudam a entender melhor sobre o tema e a sanar suas dúvidas. Para Oliveira (2010), a educação sexual escolar pode ter valor significativo se esta permitir que os estudantes possam refletir sobre os conhecimentos adquiridos anteriormente, como no âmbito familiar e escolar, facilitando a sua compreensão acerca do assunto.

Também foi questionado em qual (is) disciplina (as) o assunto de sexualidade é abordado, onde se verifica que as disciplinas de Biologia e Ciências ficaram em

primeiro lugar na abordagem sobre o assunto, seguida pela disciplina de Ensino Religioso e outras disciplinas (Figura 3), que foram Filosofia, História, Português, “Sexualidade” e Sociologia.

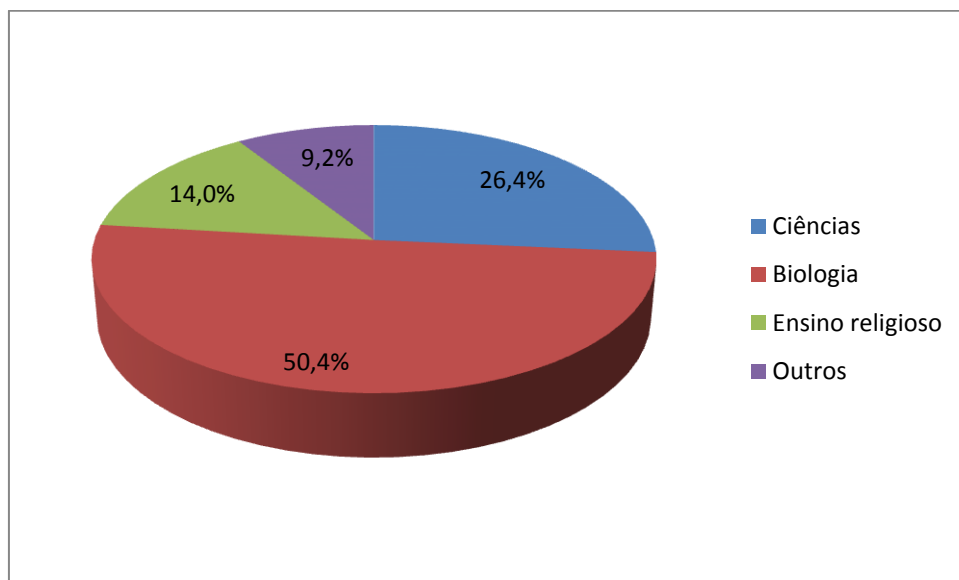


Figura 3 - Disciplinas que abordam o tema sexualidade nas escolas no Ensino Fundamental e Médio da Serra (ES)

Conforme os dados (Figura 3) constata-se que o tema tem sido abordado de forma interdisciplinar nas escolas investigadas. Segundo Altamann (2001) a criação do tema transversal “Orientação Sexual” nos PCNs aconteceu em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes.

Outro ponto abordado no questionário foi o conhecimento dos alunos quanto a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST’S), onde 73% afirmaram conhecer pelo menos um tipo de infecção, sendo AIDS (46,3%), sífilis (20,6%) e gonorreia (13,1%) as mais citadas.

Segundo Camargo et al. (2010) a vulnerabilidade dos adolescentes às ISTs ocorre pelo fato das políticas públicas não serem voltadas especificamente para esse público. A falta de programas efetivos de prevenção das IST/Aids nas escolas, proporciona que muitos adolescentes pratiquem sexo de qualquer forma. Assim,

conforme aqueles autores, o número de adolescentes contaminados por IST tendem a aumentar por essa falta de informação sobre as doenças que são transmitidas no ato sexual. Por serem doenças que são transmitidas facilmente, e algumas assintomáticas, o portador não sabe em muitos casos que as possuem e transmite para outra pessoa ao realizar sexo sem preservativo.

Em determinado ponto do questionário, foi indagado sobre quais métodos contraceptivos os adolescentes conheciam, com 24,3% indicando camisinha como mais mencionada pelos alunos, seguida pela pílula anticoncepcional e outros métodos, conforme Tabela 2.

TABELA 2 - Percentual dos Métodos Contraceptivos conhecidos pelos adolescentes das escolas da Serra (ES) na primeira relação sexual.

Métodos Contraceptivos	Porcentagem
Camisinha	24,3%
Pílula Anticoncepcional	20,2%
Pílula do dia seguinte	18,4%
DIU	9,8%
Tabelinha	9,3%
Diafragma	8,8%
Coito interrompido	5,5%
Espermicida	3,2%
Nenhum Método	0,5%

Pesquisa realizada entre adolescentes por Madureira, Marques e Jardim (2010) aponta que as camisinhas masculina e feminina foram os métodos contraceptivos mais conhecidos, confirmando dados do presente estudo, seguido da pílula anticoncepcional e da pílula do dia seguinte. Este resultado faz supor que esses são métodos mais conhecidos pelos professores que orientam alunos e, ainda, aqueles mais explorados pelos meios de comunicação em massa. Vale ressaltar que apenas 0,5% dos entrevistados afirma não conhecer nenhum método contraceptivo, visto que este conhecimento pode ter vindo da escola ou de meios não formais, porém, em pergunta anterior foi constatado que 26% dos mesmos

adolescentes entrevistados não fizeram uso de nenhum método contraceptivo na primeira relação (Tabela 1).

Estudos indicam que ter um alto conhecimento com relação aos métodos contraceptivos não garante o uso dos mesmos pelos adolescentes em suas relações sexuais, conforme observaram Alves e Lopes (2008) e Alves e Brandão (2009). Almeida et al. (2003) e Leite; Rodrigues e Fonseca (2004) demonstraram que quanto mais cedo ocorre a primeira relação, menores as chances dos jovens utilizarem algum método contraceptivo. O não uso, portanto, não pode mais ser atribuído ao desconhecimento dos adolescentes quanto à importância e a forma de utilização de preservativos (XAVIER, 2005).

Vale ressaltar os dados referentes ao uso da pílula do dia seguinte, 18,4% dos entrevistados a citaram como método conhecido. O uso contínuo e rotineiro deste medicamento pode provocar a diminuição de sua eficácia e aumento dos efeitos adversos. Wannacher (2005) indica que o uso deve ser empregado de modo ocasional e em situações específicas, podendo ser considerado pouco eficaz se utilizado repetidamente (a curtos intervalos), tendo como reações adversas mais comuns náuseas, vômito, sangramento, cólicas, cefaleia e alterações no ciclo menstrual.

Quando questionados se o diálogo sobre sexualidade ocorre na família, a resposta com maior percentual foi de que este tema é abordado principalmente pelos pais, seguido por primos e tios. Referente aos assuntos relacionados nestes diálogos à prevenção de doenças e gravidez precoce foram os temas mais apontados pelos estudantes, ressaltando o uso da camisinha. 83,8% dos entrevistados afirmaram que o diálogo sobre este tema ocorre de forma natural e clara no âmbito familiar, e apenas 11,8% afirmaram que este diálogo não ocorre de forma alguma entre os membros da família, com o restante informando que o diálogo ocorre de maneira esporádica.

Segundo Suplicy (2000) o adolescente precisa de um espaço para conversar sobre sexo em casa, com a família e na escola, com os educadores no qual ele possa confiar para sanar suas dúvidas. A possibilidade de discussão sobre sexualidade propicia um amadurecimento, mudança de comportamento e esclarecimento dos próprios valores. A represália desse assunto pode se tornar um constrangimento dos jovens frente ao sexo, os tornando adultos frustrados sexualmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada foi possível caracterizar a iniciação e alguns comportamentos sexuais dos adolescentes, identificando diferenças com relação ao sexo e à idade dos participantes.

Os resultados obtidos sobre a idade de iniciação sexual seguem o padrão de outros estudos realizados referente ao tema, porém, após análise dos dados surgiu um alerta referente ao uso de métodos contraceptivos pelos adolescentes. Vários deles informaram não utilizar método de prevenção. Desta forma se faz necessário programas de prevenção direcionados aos jovens, onde deve ser enfatizado a necessidade do uso de preservativos aliado a outros métodos contraceptivos, utilizando argumentos que considerem os motivos alegados pelos jovens para não utilizá-los, discutindo-os e contrapondo-os.

O número de parceiros sexuais associado à idade do adolescente mostra o crescimento nesse número, o que, associado à falta de uso de preservativo, torna-se um fator de risco visto que os mesmos ficam expostos a possíveis infecções e gravidez indesejada.

O ambiente familiar precisa desempenhar seu papel também no que diz respeito a educação sexual dos seus filhos, discutindo o assunto de maneira clara, aberta, sem preconceitos e sem constrangimento, para assim garantir um amadurecimento sexual saudável ao adolescente.

Já no campo escolar, é necessário que os professores sejam capacitados para incluir a sexualidade em suas aulas, que consigam sanar as dúvidas dos adolescentes de maneira natural, abordando o tema sem nenhum tipo de barreira ou preconceito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C.; AQUINO, E. M.; GAFFIKIN, L.; MAGNANI, R. J. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 5, p. 566-575, 2003.

ALTAMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares Nacionais. **Estudos feministas**, v. 9, p 575- 585, 2001.

ALVES, A. S.; LOPES, M. H. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 1, p. 11-17, 2008.

ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidade no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 661-670, 2009.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 422-427, maio/jun. 2006.

BORGES, A. L. V.; LATORRE, M. R. D. O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do município de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 1583-1594, jul. 2007.

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual, Brasília, MEC/SEF, 1997..

CAMARGO, B.V; GIACOMOZZI, A.I; CHELKE, João F.R; AGUIAR, A. Vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e brancos em relação ao HIV/Aids. **Estud. psicol.** (Campinas), v.27, n.3, p. 343-354, set, 2010.

DUQUE-ARRAZOLA, L. S. O cotidiano sexuado de meninos e meninas e situação de pobreza. In: MADEIRA, F. R. (Org.). **Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 343-402.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

IBGE; PENSE- Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/especiais-teen/pense/pense-pag-8>> Acesso em 25 de Abril de 2017

JARDIM, D.P.; BRÊTAS, J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 2, P. 157 2006.

LEITE, I. C., RODRIGUES, R. N., & FONSECA, M. C. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões sudeste e nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 20(2), 476-481; 2004.

MADUREIRA, L; MARQUES, I.S; JARDIM, D.P. Contracepção na Adolescência: Conhecimento e Uso. **Revista Cogitare Enfermagem**. São Paulo – SP, Brasil; 2010.

NERY, I.S. **Abordagem da Sexualidade entre pais e adolescentes**. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Teresina, PI, Brasil; 2014.

OLIVEIRA, V. L. B. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org). **Educação Sexual: Múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2010, p. 173-189.

SAITO, M. I; LEAL, M, M. Educação sexual na escola. **Revista Pediatria**, São Paulo, v.22, n 1, p. 44-48, 2000

PAIVA, V; CALAZANS, G; VENTURI, G; DIAS, R. Iniciação Sexual de jovens brasileiros. **Revista Saúde Pública**, São Paulo – SP, 2008;42(Supl 1):45-53.

SOARES, L.R; CABERO, F.V;SOUTO, T.G; COELHO, R.F.S; LACERDA, L.C.M; MATÃO, M.E.L Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente UFRJ**. Rio de Janeiro, v.12, n 2. Junho 2015

SPITZNER, R.H.L. **Sexualidade e adolescência: reflexões acerca da educação sexual nas escolas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 21.ed. Atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TAKIUTI, A. D. A saúde da mulher adolescente. In: MADEIRA, F. R. (Org.). **Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 213-290.

TEIXEIRA, A.M.F.B; KNAUTH, D.R; FACHEL, J.M.G; LEAL, A.F. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(Supl. 1):1149-1158, 201. Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2007.

TRONCO, C.B; DELL'ÁGLIO, D.B. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 254-269, 2012.

WANNMACHER L. Contracepção de emergência: evidências versus preconceitos. **Uso racional de medicamentos: temas selecionados**. OPAS/OMS/MS. 2005; 2(6):1-6

XAVIER, A. C. **Comportamento sexual de risco na adolescência: Aspectos familiares associados**. 2005. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

APÊNDICE

Questionário destinado a alunos.

1- Qual seu sexo? () Masculino () Feminino

2- Idade: _____

3- Você já teve sua primeira Relação sexual?() Sim () Não

4- No caso de resposta afirmativa, quantos anos você tinha? _____

5- Que método contraceptivo você usou?

() DIU () Tabela () Coito Interrompido () Espermicida

() Camisinha () Pílula do dia seguinte () Diafragma () Nenhum método

6- Caso já tenha iniciado sua vida sexual, quantos parceiros (a) você já teve? _____

7- Para quem você contou? Caso já tenha acontecido.

() Amigos (a) () Professores () Pais ou responsáveis

() Outros parentes () Ninguém

Você já se consultou com um médico urologista ou ginecologista? () Sim () Não

8- Você sabe qual a melhor forma de prevenção das IST's? (Infecção Sexualmente Transmissível)

() Não fazer sexo () Não ter muitos parceiros () Fazer sexo com camisinha () Não compartilhar objetos pessoais () Outros _____

9- Sua escola aborda sobre temas como Sexo, Sexualidade, IST's e gravidez na adolescência?() Sim () Não

10- Você acha que se esses temas forem abordados em sala de aula, te ajudam a entender melhor sobre os assuntos?() Sim () Não

11- Em qual(is) disciplina(s) esse assunto é abordado? _____

12- Você conhece alguma IST (Infecção Sexualmente Transmissível)? () Sim () Não

13- Caso a resposta anterior tenha sido positiva, quais você conhece?

14- Quais métodos contraceptivos você conhece?

() Camisinha () Pílula anticoncepcional () DIU () Tabela

() Diafragma () Espermicida () Coito interrompido () Pílula do dia seguinte () Nenhum

15- Você conversa com alguém da sua família sobre sexo? Com quem?

16- Quais assuntos relacionados ao tema são abordados em sua família?

17- Esse dialogo acontece de forma clara e natural?
